

IV Congreso Internacional

2023

Gestión Educativa

La educación como un bien común.
Una apuesta desde la gestión educativa
y de proyectos.

Educação como um bem comum.
Um compromisso da gestão educacional
e de projetos.



8
9
10

**Novembro
Noviembre**

Lugar del evento Tunja, Boyacá
Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia



GEOÉTICA E EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM DEBATE**Autores:****Pissolito, Vanessa**

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil (PUCC)

Correo electrónico: vpissolito@gmail.com

Mendonça, Samuel

Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Brasil (PUCC)

Correo electrónico: samuelms@gmail.com

Eje temático: Gestión educativa contextos de diversidad y desarrollo humano

Resumen: Este trabalho discute aspectos ligados à Geoética no contexto do CPTEn, Centro Paulista de Estudos da Transição Energética. O objetivo central da pesquisa consiste em compreender a potencialidade da noção de transição energética nos discursos de professores e diretores de instituições escolares, a partir da perspectiva da Geoética e em relação à Educação Ambiental crítica. Nesta perspectiva, os objetivos específicos são: (i) estabelecer um entendimento substancial sobre os conceitos de Energia e Geoética; (ii) identificar a relação do campo educacional com a discussão sobre transição energética; (iii) analisar a importância da conscientização ambiental e, especialmente, quanto ao consumo energético na comunidade escolar. A metodologia definida corresponde a pesquisa qualitativa com os instrumentos questionários e entrevistas semi-estruturadas. O *lócus* se refere a três escolas públicas no município de Paulínia,

São Paulo. Como resultados esperados, busca-se envolver a comunidade escolar com temas caros ao futuro da humanidade, com destaque para a transição energética

Palabras clave: Conscientização; Educação Ambiental; Geoética; Transição Energética.

Introducción

Geoética é tema central de debates realizados por geocientistas que se preocupam com a perspectiva ética em relação a questões ambientais. A ética é campo próprio do conhecimento que se insere na Filosofia e esta pesquisa, em andamento, financiada pela CAPES, articula-se com o CPTEn, Centro Paulista de Estudos da Transição Energética, financiado pela FAPESP, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, Brasil.

A Educação Ambiental visa a construção integral de educandos, sobretudo, para o exercício da cidadania e o consumo consciente de elementos naturais, sendo componente primordial da Educação brasileira e que necessita da integralidade articulada de caráter formal e não formal em todos os níveis e modalidades do processo educativo, conforme a Política Nacional de Educação Ambiental (PNEA), instituída pela Lei nº 9.795/99.

O objetivo central da pesquisa consiste em compreender a potencialidade da noção de transição energética nas narrativas de professores e diretores de instituições escolares, a partir da perspectiva da Geoética e em relação à Educação Ambiental crítica. Nesta perspectiva, os objetivos específicos são: a) estabelecer um entendimento substancial sobre os conceitos de Energia e Geoética; b) identificar a relação do campo educacional com a discussão sobre transição energética; c) analisar a importância da conscientização ambiental e, especialmente, quanto ao consumo energético na comunidade escolar.

A singularidade da pesquisa está na inovação da temática frente a ausência da discussão conforme averiguado na investigação bibliográfica que aborda, inclusive, as publicações presentes na Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), no Grupo de Trabalho (GT) 22, respectivo à Educação Ambiental, nas reuniões realizadas nos anos de 2013, 2017, 2019 e 2021. Quanto à relevância prática da pesquisa, estima-se o alcance da reflexão da temática ambiental exposta na ação pedagógica desenvolvida por diretores e educadores. Pretende-se a possível ampliação de produções sobre transição energética e Geoética para contribuição efetiva em políticas públicas em Educação.

Metodología

A metodologia definida corresponde a pesquisa qualitativa com a utilização de questionários e entrevistas semi-estruturadas como instrumentos de investigação, produção de material empírico e coleta de dados. Prevê-se também pesquisa documental para conhecer a legislação educacional do município de Paulínia, que se relaciona com a sustentabilidade.

A revisão de literatura englobou estudos que tematizaram a educação ambiental, como é o caso de: "A Educação Ambiental frente às mudanças climáticas globais - Contribuições da análise crítica da mídia", que parte da assertividade sobre a ampliação da Educação Ambiental como área de pesquisa e de ensino no Brasil sistematizada como prática social que engloba, assim, as noções socioambientais, éticas, políticas e históricas na sociedade contemporânea que é nitidamente estigmatizada em crises de valores e conflitos, sobretudo, socioambientais.

O *lócus* se refere a três escolas públicas no município de Paulínia, no interior do estado de São Paulo, correspondentes às extremidades regionais em que estão localizados: a) ao norte, a Refinaria de Paulínia (REPLAN), o maior polo petroquímico industrial da América Latina; b) ao leste, a unidade industrial Rhodia que condiz à um dos mais importantes polos de produção de químicos do Brasil;

c) ao sul, o aterro sanitário municipal coordenado por uma das maiores empresas de serviços ambientais da América Latina, a Estre.

Os participantes da pesquisa serão educadores dos anos iniciais do Ensino Fundamental e diretores das escolas. A pesquisa está em avaliação pelo Comitê de Ética em Pesquisa e, por esta razão, ainda não foi possível aplicar os instrumentos selecionados.

Toda pesquisa requer um levantamento do que se produziu antes, e, neste sentido, a revisão de literatura foi realizada em diferentes plataformas, com destaque para o GT Educação Ambiental da ANPEd, SciELO e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Os descritores selecionados foram transição energética, educação ambiental, ética. Por meio da combinação deles, de diferentes modos, chegou-se a um número considerado de resultados que estão em análise. O que se pode adiantar, neste momento, é a ausência de estudo que focalize a transição energética e que tematize a ética, então, pode-se afirmar que a singularidade do estudo está confirmada.

Desarrollo

Debates em torno da transição energética têm sido feitos em diferentes perspectivas. O artigo Regulação, Direitos Humanos e diálogo entre campos do conhecimento (Mendonça, Vedovato, Assis, 2023), construído no contexto do CPTEEn – Centro Paulista de Estudos da Transição Energética, focaliza a importância da regulação, mas, engloba os direitos humanos. Então, não é verdadeira a especulação de que quem lida com regulação ignora princípios ou que a regulação é temática puramente técnica. Os autores estão convencidos da importância dos aspectos normativos para lidar com a questão ambiental, no entanto, estão igualmente convencidos da compreensão de que só o diálogo interdisciplinar que envolve a Sociologia, a Filosofia, a História, a Engenharia, o Direito, entre outros campos, proporciona a compreensão plena da transição energética.

A transição energética está longe de ser tema das engenharias ou mesmo da computação. Ocorre que no século XXI os avanços tecnológicos têm despertado interesses de muitas pessoas e é preciso reconhecer que há um aspecto técnico envolvido sim. Esta pesquisa quer ir além. Ela parte de uma pergunta fundamental, qual seja: o que pensam professores e diretores de escolas sobre a transição energética? Mesmo que pudéssemos ficar navegando por autores de diferentes países (Frigo, 2017, 2018; Sauvé, 2005), escutar professores   tarefa específica a que se propõe esta investiga o.

Que a transi o energética engloba o debate sobre mudanças climáticas,   preciso reconhecer que este tema   denso e envolve diferentes discussões já acumuladas ao longo do tempo. A ideia de uma ciência pós-normal, por exemplo, foi discutida por Jacobi, Toledo e Giatti (2019).   claro que eles não iniciaram este debate do zero e foram inspirados em Beck (2015). O pano de fundo desses autores   a afirma o da necessidade de produ o de novas formas de produ o do conhecimento científico que tenha alcance global. Não   possível ficar na divaga o, então, pensar questões energéticas no mundo materializado, territorializado, permite a compreensão das dimensões dos problemas que vivemos.   neste sentido que focalizar o posicionamento de professores e de diretores de escolas pode ser alternativa mais profunda do que apenas compreender conceitos para a governança ou a dimensão do poder público.

A  tica diz respeito a campo do conhecimento próprio da Filosofia. Quando nos empenhamos a escutar professores e diretores sobre a transi o energética, isto significa assumir que o eixo fundamental do debate   o humano. Não se pode pensar a transi o energética sem focalizar o aspecto ótimo de cada um, isto  , o seu *ethos*, a sua consciência.   neste sentido que mesmo assumindo as dificuldades em alcançar a consciência humana, seria preciso definir consciência antes de tudo, a nossa aposta   que   sim possível acessá-la e mais, por meio de professores e de diretores de escolas,   possível estimular a comunidade escolar para a conscientiza o de sua própria vida, que implica a do outro e assim

sucessivamente. Só por meio de um exame mais profundo de cada um de nós teremos êxito nas diferentes formas de produção de energia.

O alerta de Freud (1980) de que acessarmos só uma parte do que somos, o chamado consciente, mas, desconhecemos muito do que também somos, o inconsciente é digno de nota quando se fala em conscientização. Talvez não seja mesmo possível conscientizar as pessoas sobre a transição energética, mas, talvez possa ser possível problematizar questões que envolvem as pessoas para que elas se vejam na teia da vida que tem sido palco de destruição. Veja o caso emblemático do século XX. Duas guerras mundiais justamente depois da construção teórica fundamental dos iluministas. O que aconteceu? A razão não ilumina? Podemos questionar também, alguém se conscientizará da necessidade de cuidado da natureza?

O ponto de partida da compreensão da ética nesta pesquisa reside em distintos estudos realizados que englobam Heráclito (Mendonça, 2003) e Nietzsche (Mendonça, 2018). É preciso reconhecer que há distintas concepções de éticas, distintas escolas, no entanto, a opção pela ética aristocrática, aquela segundo a qual se levará em conta o enfrentamento dos demônios internos que cada um de nós têm, abrindo espaço para a afirmação de que não somos tão bons como normalmente se define, é essencial. Não se trata de um discurso fácil ou romântico, mas, a ética aristocrática engloba a nossa condição de construir e de destruir, de edificar e de tombar, de produzir e de retroceder. Somos também seres aptos à destruição.

Talvez essa aceção ética explique o vício humano, de todos os tempos, em alimentar guerras e em criar conflitos por razões questionáveis. Neste sentido, acompanhando discussões feitas na literatura por Dostoievski (2011), o homem é o mesmo ser que edifica e sente prazer, mas, sente o mesmo prazer ao destruir o que edificou.

A ética aristocrática se relaciona com a educação aristocrática. Esta concepção de educação não se aproxima de educação para os ricos: que fique claro. Trata-

se de uma concepção individual de educação que busca o que há de melhor em cada um de nós. Aristocracia vem do grego *aristos*, que significa excelência, então, educação aristocrática pode ser compreendida como educação dos que buscam o melhor que têm em si. A ética aristocrática baseia-se na afirmação de Heráclito: “o ethos é o daimon do homem” (Mendonça 2003). Isto significa que a ética é a parte sublime da consciência ou o que temos de melhor. Só que o que temos de melhor inclui a nossa capacidade de destruição. A ética aristocrática não foge de nossas fraquezas, mas, as enfrenta. A ética aristocrática não reside em um bonito discurso, mas, aponta para o limite da ação destrutiva do homem. Isto não significa que a ética aristocrática seja destrutiva ou que se baseie em aspecto negativo. Diferente disto, trata-se de concepção que não pretende ser máscara ou mascarar o real, não pretende esconder ou esconder-se. Trata-se de uma concepção ética fundamental para se pensar o futuro na sociedade, justamente pelo fato de que o homem tem se destruído desde sempre.

Na atualização da concepção de ética aristocrática, partimos já da afirmação de que somos seres em transformação até a morte. Isto significa que somos contrários a um tipo de defesa ingênua de que o homem é bom, para citar um exemplo do clássico genebrino. Claro que somos bons, mas, somos também maus. A perversidade humana talvez explique o tema da transição energética. Houve a ECO de 1992 e estamos em 2023 repetindo aquilo que não foi feito. A pergunta é: agora será feito? Será que o homem optará por sua continuidade ou a destruição é o que te interessa mais? O que mudou nos últimos 30 anos?

Sim, é a Educação Ambiental o principal *locus* de desenvolvimento de ações que possam promover reflexões em torno da compreensão da transição energética, mas, além disto, que possa inspirar projetos que eduquem a sociedade que tem destruído o planeta desde sempre. Neste sentido, talvez devêssemos pensar em outra concepção de Educação Ambiental a partir de balizas da ética aristocrática. Esta parte está em desenvolvimento na investigação e será objeto de outros textos.

Conclusiones

A investigação sobre a geoética não pretende substituir o trabalho feito por geocientistas. Igualmente, a transição energética não será equacionada com esta pesquisa. Há muitos desafios que tematizam a vida do presente e talvez nem de futuro se possa falar. É neste sentido que escutar professores e diretores de escolas para que digam o que pensam sobre a transição energética revela-se estratégica importante.

É igualmente por esta razão que focalizamos o trabalho na Educação Ambiental, talvez tematizada a partir da ética aristocrática, afinal, não propomos seguir destruindo o planeta e a nós mesmos, então, uma Educação Ambiental que afirme a condição humana como também destruidora poderá, de fato, construir alternativa válida que não seja apenas um discurso esperançoso de um dia melhor, mas, um dia melhor efetivamente.

Uma Educação Ambiental que insira a autocrítica e a autossuperação como marcas possa ser mais do que temos disponível nas escolas, que acaba se restringindo à coleta seletiva de lixo. Será que a Educação Ambiental possa inserir questionamentos sobre os monstros internos que temos? Essa necessidade de destruir que é tipicamente humana pode ser enfrentada somente se assumida como tal. Neste sentido, uma Educação Ambiental tematizada a partir da ética aristocrática pode ressignificar a própria Educação Ambiental.

Não que os professores sejam as únicas pessoas que devemos escutar, no entanto, como responsáveis pela formação de crianças e de jovens, parece-nos fundamental mais do que saber o que pensam sobre o tema, construir com eles alternativas que possam ser praticadas nas escolas na busca de uma maior conscientização quanto ao meio ambiente, quanto à vida coletiva, quanto à existência do outro.

A Geoética se ocupa do debate feito por geocientistas e, por isto, é também espaço essencial de uma transformação social. Que cientistas se envolvam, que

professores e diretores também com questões ambientais, mas, antes disto, que se envolvam com suas próprias consciências. Nossas vidas estão em questão e é preciso pensar sobre como temos vivido para sugerir novas formas de compreensão e de convivência.

É possível construir uma vida equilibrada e com menos destruição? Não sei. Talvez no discurso seja possível, mas, ao mesmo tempo, pode ser que não queiramos a vida humana distinta da que temos realizado. Queremos significar com isto que talvez não queiramos edificar, construir, preservar, ser. Talvez, só talvez, queiramos mesmo seguir destruindo a vida e a transição energética será uma nova roupagem de destruição de nós mesmos. A pesquisa não pretende ignorar esta hipótese, mas, justamente, trabalhar a partir dela e perguntar diretamente aos participantes da pesquisa: você almeja viver ou morrer? Outras perguntas serão inseridas: por que você tem destruído as escolas? Por fim, a pergunta que poderá deslocar a pessoa de um estado de inércia para a ação: o que você tem feito ao longo de sua vida para fortalecer as formas de vida existentes?, no seus dia a dia?

A pesquisa está ainda em andamento e é evidente que há muitas lacunas, no entanto, a oportunidade de comunicação neste congresso que tematiza o bem comum não teria sido mais apropriada.

Referencias

Beck, U. Emancipatory catastrophism: What does it mean to climate change and risk society? *Current Sociology*, 63 (1), p.75-88, 2015.

Brasil. (1999). Lei 9795. Presidência da República. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9795.htm. Acesso em: 9 de agosto de 2023.

Dostoiévski, F. (2011). *Notas do subsolo*. Porto Alegre: L&PM Pocket.

Freud, S. (1980). História do movimento psicanalítico. In S. Freud, *Obras completas* (Vol. 1). Rio de Janeiro: Imago.

Frigo, G. (2017). Energy Ethics, Homogenization, and Hegemony: A Reflection on the Traditional Energy Paradigm. *Energy Research and Social Science*, Special Issue: Exploring the Anthropology of Energy: Ethnography, Energy and Ethics. Edited by Jessica Smith and Mette High. 30 (7), p. 17.

Frigo, G. (2018). Energy Ethics: A Literature Review. *Relations: Beyond Anthropocentrism*. Special Issue, 6 (2), p. 177-214.

Frigo, G. (2018a) Energy Ethics: Emerging Perspectives in a Time of Transition. *Relations: Beyond Anthropocentrism*. Special Issue, 6 (1), p. 7-30.

Jacobi, P. R.; Toledo, R. F.; Giatti, L. L. (Org.) *Ciência Pós-normal: ampliando o diálogo com a sociedade diante das crises ambientais contemporâneas*. São Paulo: FSP/USP, 2019.

Leff, E. (2000). *Ecologia, capital e cultura: Racionalidade ambiental, democracia participativa e desenvolvimento sustentável*. Blumenau: Ed. da FURB.

Mendonça, S. (2003). Ética Aristocrática em Heráclito. *Revista Brasileira de Filosofia*. São Paulo, LII (211).

Mendonça S. (2018). *Aristocratic Education in Nietzsche: Individual Achievement*. Maryland: Global South.

Mendonça, S.; Vevovato, L. R.; Assis, A. E. S. Q. (2023). Regulação, direitos humanos e diálogo entre campos do conhecimento. *ComCiência*. 245 (1).

Rousseau, J.J. (2004). *Emílio, ou da educação*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Martins Fontes.

Sauvé, L. (2005). Environmental education: possibilities and constraints. Tradução. *Educação e Pesquisa*: 31 (2). Ago: 1-5.



Silva, R. L. F. (2013). A Educação Ambiental frente às mudanças climáticas globais - Contribuições da análise crítica da mídia. *36ª Reunião Nacional da ANPEd*.